



Mocho-galego



garça-branca pequena

mapa do percurso



Ermida de São Sebastião

percurso pedonal

história da ermida e do castelo

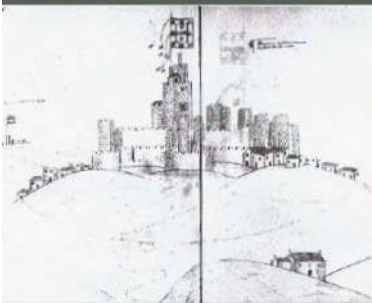
O caminho que liga o castelo à ermida trata-se de um percurso histórico que já aparecia nos desenhos que Duarte d'Armas fez do Castelo de Mourão em 1509.

Esta ermida, como todas as que são dedicadas a São Sebastião, situa-se próximo dum dos antigos percursos de acesso à povoação. Neste caso, ficava junto a um caminho que ligava Mourão com o porto no Guadiana, onde se fazia a passagem para a outra margem em direcção a Monsaraz.

Esta singela ermida voltada a sudeste, contém no seu adro um cruzeiro de xisto.

O edifício, cujas grossas e alvas paredes são suportadas por contrafortes, possui além da nave, uma capela-mor, tal como aparece no desenho de Duarte d'Armas.

Como pode observar, na época em que o desenho foi feito, a Torre de Menagem tinha mais um piso e existiam casas adossadas à barbacã que foram posteriormente demolidas aquando das obras de construção da cintura abaluartada e dos revelins na época da Guerra da Restauração, segundo o sistema *Vauban*, em resposta a uma nova abordagem de fazer a guerra, que a invenção das armas de fogo trouxe.



Documento cedido pelo ANIT
Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da Casa do rei D. Manuel I

A ampliação e reforço da estrutura defensiva do Castelo de Mourão a cargo dos engenheiros franceses Nicolau de Langres e de Pierre de Saint-Colombe decorreu por decisão régia, depois da sua conquista aos espanhóis em Outubro de 1657, que o haviam tomado 4 meses antes. Desta intervenção resultou a configuração da fortaleza em forma de estrela irregular.

Refira-se que para a tomada do castelo, os espanhóis colocaram duas peças de artilharia no adro da Ermida de São Sebastião que lhe provocaram profundos estragos na muralha.



Entidade promotora:



Projecto co-financiado por:



Templete de arquitetura tardo-gótica, fundado no século XV durante o reinado de D. Manuel I.



Picango-barreteiro



Águia-pesqueira

Raposa

Charneco

descrição do percurso

são sebastião

natureza

A Ermida de São Sebastião tem uma posição excelente sobre a Albufeira de Alqueva, oferecendo uma grande panorâmica sobre o espelho de água e tendo ao fundo Monsaraz, que conjuntamente com o Castelo de Mourão vigiaram e defenderam este território e fronteira durante séculos.

Para chegar à Ermida de São Sebastião, parta da porta em uso do Castelo 1 - Porta do Relógio (há mais quatro mas estão entaipadas) - vá ao longo da muralha medieval a nascente, seguindo os indicadores de percurso, continue pelas traseiras do castelo entre a muralha e a barbaca (muro anteposto às muralhas, de menor altura que estas e que as protegiam), saindo por uma abertura nesta. 2

Depois pelo fosso e por entre os baluartes e revelins da época da Guerra da Restauração, atravesse então uma porta na muralha exterior que cingia todo o conjunto militar. 3

Siga para norte por um caminho de calcetamento antigo, ladeado por oliveiras e algumas amendoeiras "entaladas" entre muros de xisto. O percurso vai-se desenvolvendo entre campos agrícolas, abraçado ao suave ondulado do terreno. Chega a um ponto em que está numa zona mais baixa, tendo por trás o castelo e pela frente

apenas se vislumbra o caminho que começa a subir sempre envolvido na sombra das oliveiras. Mas quando chega ao fim da pequena subida, está no adro da Ermida de São Sebastião 4 e a paisagem abre-se numa grande panorâmica sobre a Albufeira de Alqueva e Monsaraz.

A procissão de São Sebastião ocorre, actualmente, no fim do Verão sem data fixa, partindo da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Candeias, situada no castelo, atravessa a vila sai pela rua de São Sebastião em direcção à ermida, onde termina ao fim da tarde.



É um dos mais antigos santos venerados na Igreja Católica e Ortodoxa. O culto a São Sebastião mártir nasceu no século IV e atingiu o apogeu na Baixa Idade Média, em particular nos séculos XIV e XV. Propagou-se e intensificou-se em Portugal ao redor do século XVI, ligado à terrível calamidade da peste negra, para cuja erradicação contribuiu, segundo a crença, o facto do rei D. Sebastião (cujo nome, por ter nascido a 20 de Janeiro, se deveu alegadamente à popularidade do santo) ter herdado de D. João II uma relíquia do santo, e de, em 1573, o mesmo D. Sebastião ter obtido do Papa duas das setas que tinham sido utilizadas no seu martírio, tal era a devoção da dinastia de Avis e d'O Desejado, pelo santo seu propositado homónimo. É invocado desde então, como padroeiro contra a fome, a peste e a guerra ou, mais simplesmente, contra as epidemias.

Mourão evoca o que de mais característico tem o Alentejo para oferecer ao visitante. É um dos territórios que, apesar da sua aparente simplicidade, melhor reflecte a importância ecológica e complexidade destes habitats. A classificação de uma parte significativa da região no âmbito da Rede Natura 2000 atesta o reconhecimento nacional e internacional deste património. Assumem especial interesse os montados de azinho e sobre, um sistema agro-florestal único criado a partir da degradação de bosques e matagais ancestrais. Da maior interacção das actividades hu-

manas com o meio resultaram manchas de matos simplificados, em geral dominados por estevas ou giestas, de baixa diversidade florística, que reflectem o esgotamento dos solos ou o pastoreio excessivo. Em alguns locais geraram

mesmo bolsas de habitat pseudo-estepário, que entretanto se tornaram vitais para a conservação de valores biológicos de relevância europeia e cuja preservação depende da manutenção de técnicas agrícolas tradicionais.

Nestes locais é frequente observar-se um número interessante de espécies de aves. O alcarvão, o charneco, o peneireiro-cinzento e o mocho-galego estão presentes todo o ano; mas consoante a época, são ainda frequentes o tartaranhão-caçador, a cegonha-branca, o chasco-ruivo, o picanço-barreteiro e a andorinha-dáurica, entre muitas outras espécies. O abelharuco é, pelo exotismo da sua plumagem, uma das espécies estivais mais curiosas e fáceis de ver. Mamíferos como a lebre ou a raposa estão também presentes, embora os seus hábitos secretivos dificultem a sua observação. Os cursos de água, sujeitos a elevada sazonalidade, dão aos vales uma configuração cavada e sinuosa. E embora as singularidades do Vale do Guadiana estejam sempre presentes, parte do seu valor natural está agora inevitavelmente submerso pelas águas da Albufeira de Alqueva, colonizada entretanto por novas espécies.

Uma aproximação à albufeira poderá revelar com maior facilidade a comunidade faunística presente. Ocorrem nesta imensa massa de água anatóides como o pato-real e aves limícolas como o perna-longa, entre aves como o corvo-marinho, a garça-branca pequena, o mergulhão-pequeno, o galeirão e a galinha-d'água.

Pelo seu interesse ornitológico, a perdiz-dormar e o tagaz, cujas colónias se instalaram nas ilhas existentes, são a par da águia-pesqueira, do grou e da garça-vermelha, algumas das espécies mais interessantes de observar no local.



Mergulhão-pequeno



Peneireiro-cinzento



Lebre



Características do percurso:

Pedonal, curto (620m) sem dificuldades para a maior parte das pessoas sem limitações físicas. A ermida está encerrada ao público. Para visitá-la, contacte antecipadamente a Junta de Freguesia ou o Centro Social Paroquial.